



# A representação feminina no conto “Um coração ardente” de Lygia Fagundes Telles

Ytatilla Kelly Pereira dos Santos<sup>1</sup>  
Adriana Maria de Abreu Barbosa<sup>2</sup>

---

## RESUMO:

Esta pesquisa, bibliográfica, tem como objetivo analisar a representação feminina da personagem Alexandra por meio da Crítica Feminista. Lygia Fagundes Telles conta a história de uma mulher, prostituta e satisfeita com a sua realidade. Para esta análise, além da Crítica Feminista, buscou-se dentro das construções de Roger Chartier, que entende a realidade social como uma construção cultural, corresponder as perspectivas desta pesquisa. Em linhas gerais, a narrativa analisada aponta como a representação da subversão e da liberdade do sujeito pode refletir, significativamente, para a renovação de práticas e cultura.

---

## PALAVRAS-CHAVE:

Lygia Fagundes Telles;  
Um Coração Ardente;  
Discurso do Privado;  
Crítica Feminista;  
Representação Feminina.

## As autoras:

<sup>1</sup> Mestranda em Letras pelo Programa de Pós- Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens, na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. *E-mail:* [ytatillakelly@yahoo.com.br](mailto:ytatillakelly@yahoo.com.br)  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0191-4045>

<sup>2</sup> Professora Titular da Cadeira de Teoria da Literatura no Departamento de Ciências Humanas e Letras (DCHL) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. *E-mail:* [amabarbosa@uesb.edu.br](mailto:amabarbosa@uesb.edu.br).  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3525-9413>

## 1 Introdução

Lygia Fagundes Telles, romancista e contista, sempre buscou representar as mulheres de maneira particular em seus livros. Por meio de sua linguagem labiríntica<sup>1</sup>, ela situou, muitas vezes, aos leitores, a vida e a importância de personagens que expressam a si. Portanto, tendo em vista que sua escrita é fortemente de cunho psicológico e busca discutir problemas sociais, um dos temas mais frequentes na escrita de Lygia Fagundes Telles, é a mulher.

Talvez, por ser mulher e estar em seu lugar de fala, mesmo que privilegiada, a autora dá voz a outras mulheres ora denunciando a subalternidade, ora demonstrando a subversão do gênero feminino na vida e na literatura. Sempre presente nos lugares convencionados, pela sociedade, como masculinos, Lygia se sobressai por sua força e identidade ao traçar personagens marcantes, ambíguos e, muitas vezes, verossímeis.

Para sustentar essas informações sobre a autora, destaca-se aqui um conto que dá nome ao livro, organizado pela Companhia das Letras, a saber “Um coração ardente”. Dessa forma, esse conto e suas particularidades compõem o corpus deste trabalho. Então, partindo da representação feminina no respectivo conto, este trabalho procurou responder: Como Lygia Fagundes Telles forja, por meio da personagem Alexandra, a representação social de mulher para problematizar a cultura patriarcal.

Segundo Roger Chartier (2002), no livro “A História Cultural: entre práticas e representações” quando se pretende representar o mundo social, a sua construção ocorrerá mediante os interesses de quem produz estes discursos e anota: “As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupos que as forjam.”(p.17) Dessa forma, a representação feminina dentro desse conto, supracitado, corresponde a uma crítica que será considerada no decorrer desta análise.

Por conseguinte, justifica-se a escolha desta temática pela importância da representação feminina na literatura e no discurso emancipatório que as estratégias da linguagem de Lygia Fagundes Telles podem proporcionar. Assim como também, pela necessidade de ler e estudar mulheres dentro e fora da academia.

---

<sup>1</sup> Segundo Adriana Barbosa (2011), linguagem labiríntica é: “uso da linguagem como espaço de invenção e não de representação”(p.57). “O labirinto proposto nas narrativas analisadas requer uma inteligência emocional: o discurso que desenha a trama é feminino e isso implica um discurso em desvio, pouco objetivo, hesitante e incompleto.”(p.73)

Quando se fala em academia, é necessário mencionar que as mulheres não recebiam credibilidade em sua escrita, sobretudo nos romances. Essa marginalização do discurso feminino sobrecarregou a escrita feminina, principalmente a poesia, de estereótipos que sugerem um lugar determinado: “poesia de mulher”, o qual não se consagrou dentro do campo literário.

Segundo Ana Cristina Cesar (1993 -1999), ao analisar dois poemas, um de Cecília Meireles e outro de Henriqueta Lisboa, a escrita feminina, sobretudo, na poesia deveria seguir uma estrutura preestabelecida para se consolidar como poético e feminino. Para Ana, essa forma de fazer poesia, poderia ser um dos meios de calar assuntos que diziam respeito as mulheres no século XX. A autora deixa claro que a mulher foi construída pela cultura do meio e da época e isso reflete na poesia, portanto, mulheres foram uma construção cultural que também, até um determinado período, contribuiu na escrita para que esse sujeito, com um lugar identificado na sociedade, com uma poesia marcada e com comportamentos limitados, fosse um exemplo de escrita e estrutura a ser seguido.

Apesar de iniciar seu texto levantando pontos sobre a diferença de escrita feminina e masculina, Ana Cristina vai além e mostra que essa busca pela diferença é uma ideia masculina e propõe que o prazer seja dado a leitura e não ao gênero que o compõe e anota;

Precisamos abandoná-la, pois a sociologia nos mostra que as diferenças entre os sexos são mais diferenças culturais, de educação, do que diferenças físicas. Diante de um livro de versos, não olhemos quem o escreveu, abandonemo-nos ao prazer. (CESAR. 1999, p. 227)

Não desviando o seu olhar para a importância de serem mulheres escrevendo, apesar de defender a importância de ler e não de descobrir o gênero de quem compôs o texto, a poesia ou o romance, mas seria impossível não identificar a importância que Ana Cristina dá as duas grandes escritoras brasileiras, sobretudo, a Cecília Meireles que, intencionalmente ou não, começou a localizar a mulher dentro da poesia.

Essa localização agrada os preceitos sociais e intensifica uma produção literária sem o engajamento, apenas embasado em falas “nobres, elevadas, perfeitas” e reforçando a ideia de “poesia de mulher”. Para Ana Cristina, essa forma de construção e localização merece a evidência, porém não deve ser negligenciado o fato de não ter os anseios femininos presentes nas escritas dessas autoras. Essa forma de poesia marcou, segundo Ana Cristina, a “não presença de mulher, mas a

dicção que se deve ter, a nobreza e o lirismo e o pudor que devem caracterizar a escrita de mulher.” (CESAR. 1993, p.142)

Então, justifica-se a escolha dessa temática, mulher, pela expressividade literária, as múltiplas identidades e a fragmentação do sujeito que constituem o gênero feminino. Sendo assim, não há como limitar ou atribuir nomenclaturas para restringir a escrita da mulher e sobre mulher, não só na poesia, mas nos romances e contos também.

Então, é necessário ressaltar que esta análise adotou o tipo de pesquisa indutiva, pois parte-se de verdades menores que dizem respeito a personagem Alexandra. Por conseguinte, é pertinente direcionar este trabalho por uma pesquisa qualitativa descritiva já que, este método, dá ênfase ao contexto social que, por vezes, é negligenciado pela sociedade como se condicionou a vez e a voz feminina.

Segundo Jean-Pierre Deslauriers (2010), no livro “A pesquisa qualitativa: Enfoques epistemológicos e metodológicos”, as pesquisas descritivas proporcionam uma riqueza de detalhes e um aprofundamento que poderá corroborar para a elaboração de “pesquisas explicativas mais desenvolvidas” (DESLAURIERS. 2010, p.130). Assim, possibilita que, seja reconhecida as particularidades dos fenômenos sociais e estabeleça o como e o porquê desses acontecimentos.

Dessa forma, elencou-se estudiosas para dialogar com as críticas, vistas como pano de fundo do romance, cabendo, a elas, estabelecer uma uniformidade entre o teor empírico e teórico desta pesquisa. Para que fique evidente, este trabalho, bibliográfico, segue as filosofias de BARBOSA (2011), BEAUVOIR (2008), CESAR (1993-1999), GARCIA (2015), SPIVAK (2010) e WOOLF (2013). Assim como recorre a Roger Chartier (2002) para tratar da representação social e feminina de Alexandra no conto de Lygia.

A edição utilizada foi organizada pela Companhia das Letras em 2012, onde selecionou dez contos escritos pela autora entre os anos de 1958 e 1981. A editora nomeia o livro partindo do título do primeiro conto “Um coração ardente” que faz jus aos contos apresentados no livro.

## **2 Confissões do gênero masculino em Um coração ardente**

Lygia Fagundes Telles, no conto “Um coração ardente”, permite que seja feita uma análise da representação da personagem feminina, Alexandra, partindo das confissões de um homem que se expõe sensível e vulnerável, mas obrigado, pela cultura patriarcal, a se comportar como os homens tradicionais e machistas. É importante anotar que, segundo Barbosa (2011), seria uma marca da escrita feminina,

a escrita confessional, e foi subvertido, pela autora, com a representação de um protagonista do gênero masculino que expõe o que há por detrás de sua máscara social. A autora, por meio de um narrador-observador, apresenta o desconforto do protagonista na profissão que, para o contexto histórico, era algo restrito ao gênero masculino.

Assim, por meio da fala do personagem é possível identificar uma crítica, feita por Lygia, ao convencionalismo e ao estereótipo de que, quem escreve bem poesia e prosa e produz filosofia, são homens. Portanto, afirma:

— Mas eu dizia que na minha juventude fui um escritor que acabou enveredando por todos os gêneros literários, fiz poesia, prosa... Na realidade eu não tinha talento mas tinha a paixão e daí meti-me também na política, cheguei a escrever uma doutrina para meu partido enquanto mergulhava na filosofia, ó Sócrates, ó Platão!... Trazia na lapela do paletó o distintivo de filósofo, uma corujinha de esmalte vermelho pousada num livro.[...]— Eu não tinha talento nem para a literatura e nem para a filosofia, nenhuma vocação para aqueles ofícios que me fascinavam, essa é a verdade, tinha um coração ardente, eis aí, tinha apenas um coração ardente.( TELLES. 2012, p.5)

Para a sociedade, o homem, assim como a mulher, deveria ter um lugar marcado e delimitado, porém o conto revela uma identidade masculina diferente do esperado. Ao que parece o narrador se dispõe a ouvir o que o homem, inflamado pela máscara social que ele precisa usar, tem a dizer, ou melhor, confidenciar. Dessa forma, a ideia de uma literatura que se propõe a expor o particular não se limita a representação do gênero feminino. A autora socializa e permite que seu protagonista se humanize e revele as suas sentimentalidades.

Dessa forma, Lygia denuncia o que fora apresentado por Simone Beauvoir (2016), em seu livro “O segundo sexo: a experiência vivida”, para a filósofa, o homem carrega em sua identidade uma obrigação social de ser o macho, insensível, provedor, viril e, sobretudo, arrebatador. Então, ela anota: “a mulher experimenta, na relação com seu parceiro, dificuldades concretas: porque a opinião pública se encarna nele. Muitas vezes, ele considera o leito como o terreno em que deve afirmar sua agressiva superioridade.” (p.519). Esse excerto expõe uma masculinidade construída nos alicerces da dominação, enraizada nos homens, e isso pode ser percebido no contra discurso da representação masculina no conto “Um coração ardente”.

A autora utiliza como metáfora da sociedade a figura paterna, do personagem, que o induz a um relacionamento com fins de tranquilizá-lo na vida profissional e social. O pai do protagonista reforça a ideia de passividade que foi sugerida para as mulheres e isso, posteriormente, é desmistificado por Lygia com fins de mostrar, de

modo mais realista, o comportamento do homem e da mulher mesmo em uma época conservadora em relação aos papéis de gênero.

Segundo Roger Chartier (2002), há discursos que estão cristalizados e viram matrizes na sociedade. Desse modo, se por um lado, as representações se dão, de fato, quando reflete no mundo social, por outro, é o próprio Chartier que fala que é possível um discurso reformador. É nesse sentido que Lygia Fagundes Telles quando se propõe a representar e discutir, de maneira profunda, as sentimentalidades e novas práticas. Então, Chartier anota:

O que leva seguidamente a considerar estas representações como as matrizes de discursos e de práticas diferenciadas - <<mesmo as representações colectivas mais elevadas só têm uma existência, isto é, só o são verdadeiramente a partir do momento em que comandam actos>> - que têm por objetivo a construção do mundo social, e como tal a definição contraditória das identidades – tanto a dos outros como a sua.(CHARTIER. 2002, p.18)

A autora, quando representa um homem com uma outra vertente, não aquela construída culturalmente, demonstra um confronto interno e social que se instala na sociedade. E revela ao leitor que este personagem pode ser considerado como uma forma simbólica já que para Chartier, levando em consideração o idealismo crítico, “designa assim por <<forma simbólica>> todas as categorias e todos os processos que constroem <<o mundo como representação>>.”( CHARTIER. 2002, p.19)

Partindo dessa breve análise do protagonista, foi possível reconhecer um desvio intencional, feito por Lygia Fagundes Telles, quanto o papel social do gênero masculino, pois este se abre às sentimentalidades que se tornou, segundo a cultura patriarcal, um espaço reservado às mulheres. No entanto, identificar essas situações não quer dizer que o protagonista não seja privilegiado. Ao contrário, quando Lygia expõe o fracasso do homem dentro da poesia e filosofia, fica claro que a sua posição na sociedade foi a única coisa que o manteve vinculado a esses campos do saber. Portanto, já que se trata de uma confissão do personagem, foi necessário situá-lo no texto para, enfim, analisar a subversão de Alexandra.

### **3 A subversão feminina representada por Alexandra: a prostituta**

Assim como em “Dom Casmurro”, de Machado de Assis, onde Capitu é descrita sob os olhos de Bento Santiago, o conto “Um coração ardente”, de Lygia Fagundes

Telles, traz essa mesma identidade quando o protagonista começa a descrever a mulher por quem se apaixonou à primeira vista:

Encontrei a namorada tomando coalhada numa leiteria, Ah! aqueles belos olhos negros. Chamava-se Alexandra e era órfã de pai, um russo que tinha se matado e agora ela estava só no mundo porque a mãe saiu para comprar pão e desapareceu. Minha paixão foi repentina, Ai! Alexandra. (TELLES. 2012, p. 6)

Lygia Fagundes Telles e sua estética realista<sup>2</sup>, como afirma Alfredo Leme Coelho de Carvalho (2016), conduz o leitor a imaginar uma mulher que, inserida em uma época tradicional, seria digna de piedade. Diferentemente de Machado, a autora deixa claro as intenções da personagem e surpreende aos leitores e, sobretudo, ao protagonista. De certo que, esta análise não tem como fins comparar Lygia a Machado de Assis, apenas foi possível reconhecer que ambos possuem semelhanças na estética realista.

A autora, com uma visão mais engajada e pós-moderna, corresponde aos anseios pessoais e sociais na sua escrita. Logo, Lygia busca dar voz, ainda que timidamente, a uma mulher que vive à margem da sociedade já que, o enredo se dá nas confissões de um homem. Ela, Lygia, valoriza, no meio social, quem Alexandra representa no texto. Sobre essa representação subversiva, pode ser explicado pela Crítica Feminista, como comentado por Barbosa (2011).

Essa nova forma de escrever alavancou ainda mais a importância de estudar a escrita feminina e deu margem a um discurso que viveu oprimido e discriminado pela sociedade patriarcal. Assim como também possibilitou o reconhecimento das intenções da crítica feminista que é o fim das ideologias machistas, patriarcais, opressoras e discriminatórias. Então, Barbosa anota:

Atrelada ao movimento político-social do feminismo, a crítica feminista assume como “ponto de partida de suas análises o direito dos grupos marginalizados de falar e representar-se nos domínios políticos e intelectuais que normalmente os excluem, usurpam suas funções de significação e representação e falseiam suas realidades históricas[...]”(HOLLANDA apud BARBOSA, p. 16)

---

<sup>2</sup> Em entrevista ao Diário da Região, São José do Rio Preto, Alfredo Leme Coelho de Carvalho explica os tipos de realismo: “ Costumo dizer que há dois tipos de realismo. O de Eça de Queiroz, que vê as coisas como elas são exatamente, que descreve a ação como aconteceu e ponto, e o de Machado, que também descreve a ação antes da ação, aquilo que se passa dentro da mente do personagem, mostrando o que poderia ser e o que realmente é, e todos os conflitos internos até a ação estar completa.”

Barbosa cita Hollanda para fortalecer a importância da crítica feminista, enquanto filosofia, pois atitudes embasadas por essa crítica subsidiaram a valorização da mulher e o aparecimento dela enquanto ser social.

Com o estímulo das produções e questionamentos, a mulher, que, antes, era uma construção real e literária produzida por uma cultura que se dizia superior, desenvolve uma escrita de resistência com o objetivo de ressignificar a sua representatividade na sociedade e na literatura. Portanto, Barbosa afirma: “[...] o feminismo reivindica a alteridade de um sujeito historicamente construído e excluído por políticas sociais, para reinscrevê-lo através de sua ressemantização: sujeito marcado pelo sexo/gênero.” (2011, p.16)

Por essas razões, Lygia se preocupa em reivindicar a presença da mulher prostituta que viveu sempre excluída da sociedade e silenciada quanto aos seus desejos. A desconstrução de Lygia se inicia quando o protagonista vai ao encontro de Alexandra e descobre que a personagem idealizada, pelo protagonista, não segue os padrões esperados por ele.

Comprei um ramo de rosas e fui até a tal rua mas perdi a fala quando me atendeu uma velhota de cabelos pintados de vermelho, era a dona do prostíbulo. Entreguei-lhe tremendo o ramo de rosas, Para a Alexandra, ela sabe, o amigo da leiteria! disse e fui indo completamente desorientado pela rua afora, mas então a Alexandra. (TELLES. 2012, p. 6)

A autora sabiamente questiona a vitimização do protagonista quando se sente desconfortável quando descobre a profissão de Alexandra. Lygia revela o condicionamento social, onde o homem é sempre um ser controlador, autoritário e vítima no que tange a postura liberal das mulheres. O homem constrói a mulher e deseja que assim ela seja, passiva, subalterna e que seus ideais se restrinjam ao lar.

No entanto, Lygia usa as suas ferramentas e um discurso não linear para denunciar a sociedade que manipula e aliena os sujeitos. De fato, acredita-se que o texto de Lygia Fagundes Telles traz o discurso da margem para os centros e problematiza-o a fim de reivindicar o poder e o lugar de fala e a relevância da voz feminina.

Lygia Fagundes Telles reafirma a autoridade do protagonista para, depois, contestá-la. Ao chegar na Rua da Glória, ele paga e é conduzido ao quarto de Alexandra. O pai, metaforizando a sociedade, conduz seu filho, o protagonista, para que ele pense que pode salvar a moça da condição desumana, assim considerada por ele. A autora brinca com a convivência feminina com os posicionamentos do machismo e escreve:

Paguei, ela agradeceu e me conduziu ao longo corredor com o desbotado tapete azul. Bateu de leve na primeira porta, “Xandra, uma visita!”. Alexandra estava sentada no chão, pregava miçangas vermelhas num vestido. Levantou-se, apontou sorridente para as rosas no jarro e avançou para me beijar. Afastei-a delicadamente, viera só para conversar. Ela me encarou, “Só conversar?... Tudo bem, meu querido, você manda!” (TELLES. 2012, p. 7)

A representação no discurso de subalternidade de Alexandra, “você manda” reforça a crítica da necessidade de afirmação do homem enquanto colonizador. Por conseguinte, Lygia cumpre com o que foi mencionado acima, sobre jogar com o imaginário do leitor na espera de uma resposta tradicional, na medida que o protagonista reconhece os “desafios” enfrentados por Alexandra.

Sentou-se em seguida no chão e recomeçou a lidar com as miçangas. Comecei por fazer-lhe perguntas e ela foi respondendo, a infância pobre, a morte do pai numa briga, a mãe que acabou sumindo neste mundo. Não tinha estudado, saiu da escola com o primeiro namorado e depois, ora depois... Quando se calou fui me sentar ao seu lado no chão e comecei a anunciar meus planos, Ah! tinha ótimos planos de futuro, tomara até as primeiras providências: ela podia sair imediatamente daquela casa e iria para um excelente pensionato católico e em seguida a escola, Que maravilha aprender a ler, escrever... Mais tarde um emprego, deixasse por minha conta porque aos poucos iria cuidar de tudo. (TELLES. 2012, p. 7)

Para um leitor iniciante e condicionado as literaturas da primeira e segunda fase do Romantismo a expectativa é que a Alexandra fique vislumbrada com o suposto final feliz do contexto patriarcal, no entanto, Lygia, como já foi mencionado, tem uma perspectiva realista, como bem pontuou CARVALHO, e traz a sua preocupação com a recepção, já que é preciso produzir novos discursos e práticas possíveis para o gênero feminino. Assim, “Livrar as mulheres das representações que lhes foram colocadas por subjetividades “reais” é parte das tarefas empreendidas pelos estudos de gênero.”(BARBOSA. 2011, p. 28)

Por reconhecer a importância da recepção de textos subversivos, Lygia dá voz a Alexandra que afirma para o protagonista “Acabou nosso tempo!”. (TELLES. 2012, p. 7). Essa afirmação já dá indícios de uma mulher com uma identidade pós-moderna e determinada a não viver nos cárceres do machismo. Lygia representa Alexandra e a prostituição com um olhar diferente, algo que nunca foi permitido nem aceito pela sociedade.

Para o gênero masculino o correto e confortável para a mulher é seguir os padrões e regras sociais, no entanto, Lygia quebra o tabu da sexualidade, também,

quando sugere para a personagem a recusa da vida idealizada pelo protagonista. Alexandra reconhece qualidades no seu lugar de fala e em nenhum momento, deixou transparecer uma insatisfação por estar ali. Toda manipulação e desprezo acontece por parte do olhar masculino, como a suposta traição de Capitu, em “Dom casmurro”. Um texto narrado por Bentinho que representa um homem inseguro, mimado e machista.

Em “Um coração ardente”, Alexandra diz não ao protagonista e desmistifica os tabus que existem quanto a sua condição na Rua da Glória. Lygia, anota:

Ficou ainda um momento em silêncio, me olhando. E logo recomeçou a falar, Ah! sim, agradecia, mas não queria mentir porque a verdade é que estava muito feliz ali. Gostava da casa, da dona, “São todas minhas amigas! É esta a minha vida, sair daqui nem pensar, nem pensar!”, repetiu e me encarou rindo, “Acho que o senhor é um padre, não é um padre?”, perguntou e foi me levando até a porta. Beijou minha mão. Avisei-lhe que não era padre mas alguém que gostaria tanto de ajudá-la, era isso, ajudá-la. Ela curvou-se, “Agradeço muito, senhor, mas sair daqui não!”. (TELLES. 2012, p. 7)

Se no dia que ele pagou para entrar no quarto ele mandava, aqui fora do script, da cena, quem manda é ela, pois o jogo de poder é apenas situacional. Então, Lygia compreende as modificações e exigências das mulheres e reforça isso dentro de seus textos. Como afirma Roger Chartier:

No ponto de articulação entre o mundo do texto e o mundo do sujeito coloca-se necessariamente uma teoria da leitura capaz de compreender a apropriação dos discursos, isto é, a maneira como estes afectam o leitor e o conduzem a uma nova norma de compreensão de si próprio e do mundo. (CHARTIER. 2002, p.24)

Esse conto desarruma um modo clássico de ler a prostituta. O conto sugere uma reflexão de como o gênero masculino e feminino são representados na sociedade. Lygia subverte, por meio de sua escrita, o contexto de mulheres que são marginalizadas pela sociedade e constrói uma personagem que não se permite dominar e tem a sua liberdade como sua maior perspectiva. Lygia permite que o leitor entenda que as mulheres podem escolher e determinar como gostariam de viver. Mesmo revelando aos leitores Alexandra, jovem, bonita e dona de si, a autora menciona rapidamente o suicídio de uma adolescente que se frustrou morando no mesmo local da personagem.

Quando Lygia retrata essa situação da jovem adolescente, não configura um erro de escolha do protagonista para quem ele deveria ter salvo. A autora se

preocupa em representar a vida como ela é e isso implica dizer que as mulheres sem possibilidade de escolha, marginalizadas e discriminadas pela sociedade sofrem quando não podem ter as suas realizações pessoais.

“Canalha, sujo! Saiba que a Dedê era uma menina direitinha, vinha conversar e chorava tanto, queria a mãe, queria o pai, ah! a coitadinha queria mudar de vida, se casar e ter uma família, filhos, tudo assim direitinho, mas alguém pensou em dar a mão pra ela? Repetiu tantas vezes que se ao menos soubesse ler mas assim, com tudo tão difícil lá fora que emprego podia arrumar? Chorou muito, escutou isso? Tinha só quinze anos mas vocês, uns canalhas, canalhas!...”. (TELLES. 2012, p. 8)

Para algumas o discurso dominante aprisiona, porém Lygia prefere dar lugar a quem este discurso não oprime e nem limita. Por estas razões, ela reconhece que: a ideologia machista e o julgamento social são arbitrários e responsáveis pela dificuldade de construir um espaço igualitário e respeitador.

O conto reforça a crítica ao machismo e a sociedade patriarcal, quando o protagonista assume que seu “coração é primitivo”( TELLES. 2012p. 8) Um espaço com marcas sociais de preconceito, discriminação e um tom de superioridade que não intimidou a vida e a identidade de Alexandra. Este coração, construído e educado para ser opressor, torna-se alienado a uma verdade construída segundo as suas vivências. No entanto, Alexandra não muda de opinião no término do conto, não está à espera de um príncipe encantado, a personagem, ao contrário do que pensou o protagonista, “a Xandra passou a noite fora e não tinha ainda voltado”( TELLES. 2012p. 7).

Lygia visa a objetividade das estruturas e abomina, dentro desse conto, as ideias ilusórias dos contos de fadas que terminam com uma mulher sem voz, excluída da vida social, política e cultural de seu espaço.

Portanto, aos olhos do protagonista, Alexandra não é uma “princesa” pelo espaço em que vive e Lygia, propositalmente, induz, aos leitores, a pensar e questionar o olhar do homem para com a mulher, e por fim, afirmar que a construção identitária feita pelo protagonista para com Alexandra supre as necessidades dele e do seu meio social. Todavia, a construção identitária que Alexandra faz de si, não tem intenção de seguir as idealizações do outro, mas as suas.

O protagonista limita a sua perspectiva e mesmo com a sua intensidade revelada no início do conto, ele é egoísta e estereotipado e não admite a presença de Alexandra na casa e na prostituição. Lygia comprova essas anotações quando joga com os léxicos flor e pedra, palavras cujos conceitos não se hibridizam e, quando se fundem, denota uma estranheza e insatisfação. E pontua:

Parei na esquina e baixando o olhar vi brotando entre as pedras da sarjeta uma pequenina flor de cabeça vermelha. Pensei em Alexandra com suas miçangas. Inclinei-me, Minha florzinha tonta, você é tão mais importante porque você está viva e que extraordinária experiência é viver! (TELLES. 2012, p. 10)

Lygia, visa a objetividade pois, Alexandra é uma representação das mulheres humanas que podem ser encontradas e descritas em um conto, ao contrário do que a sociedade insiste em limitar, conceituar e impor dentro das práticas sociais à mulher. Então, fica evidente que: Lygia, simplesmente, apaga as possíveis chances de subalternidade de Alexandra e representa, perfeitamente, uma identidade subversiva.

## 4 Conclusão

Essa leitura reconhece que a construção identitária do protagonista é reforçado, também, nas suas idealizações de mulher. Porém, com a perspectiva da objetividade, o cuidado com a recepção e como seu texto pode refletir na sociedade, Lygia desconstrói a representação feminina, construída pelo protagonista. A autora joga com os léxicos, com o discurso de subalternidade de Alexandra para, então, reivindicar o direito dessa mulher subalterna falar, como trata SPIVAK (2012), e oferecer ao discurso de superioridade do gênero masculino, disfarçado de ajuda e compaixão, o não que, imediatamente, reflete a satisfação diante de suas escolhas.

Assim, tratando-se do protagonista do conto “Um coração ardente”, é perceptível que a sociedade e a cultura patriarcal não o permite se revelar. Algo verossímil e recorrente, ainda, no século XXI. A autora confronta a máscara que o homem precisa utilizar para ser inserido na sociedade e época. Assim como também evidencia e reforça a necessidade de mulheres serem escritas de maneira engajada e subversiva como representa Alexandra, pois essas características refletem na sociedade e construirá uma realidade social diferente e mais flexível para com o sujeito.

O conto Um coração ardente é apenas mais um dos muitos contos do livro também intitulado de “Um coração ardente” que trata das sentimentalidades dos sujeitos que representam os seus signos. Dessa forma, o conto, não se preocupa, apenas, em passar a imagem de uma mulher livre, mas em relatar, por meio dela, as inverdades contadas sobre ela no século XX e até os dias atuais. Alexandra exerceu a função denunciadora, o que a fez ser um grande tabu e incógnita para o protagonista.

Portanto, os resultados a que se chegou foram estes: a) a literatura do privado ou a que revela as sentimentalidades não representa só o gênero feminino; b) a

autora confronta a máscara que o sujeito precisa utilizar para ser inserido na sociedade e época; c) Alexandra representa mulheres que sempre foram marginalizadas e discriminadas pela sociedade; e d) Lygia forjou uma mulher diferente dos desejos sociais do século XX para dar voz ao sujeito que era invisível e distanciado do centro, dos discursos e da vida social.

Dessa maneira, foi muito pertinente tomar como ponto de partida a análise da personagem Alexandra, situar a vulnerabilidade do gênero masculino, mesmo reconhecendo que só por ser homem, ele era um ser privilegiado, a relação entre o factual e o ficcional e afirmar que Alexandra representou mulheres que sempre foram marginalizadas e discriminadas pela sociedade.

Segundo Chartier existe “um espaço entre textos e leituras, no intuito de compreender as práticas, complexas, múltiplas, diferenciadas, que constroem o mundo como representação.” (CHARTIER. 2002, p.28). E estas particularidades foram cumpridas por Lygia quando se preocupou em forjar uma mulher diferente dos desejos sociais do século XX para dar voz ao sujeito que era invisível e distanciado do centro, dos discursos e da vida social.

## Referências

- BARBOSA, Adriana Maria de Abreu. **Ficção do Feminino**. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2011.
- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: a experiência vivida**. São Paulo: Difusão Europeia do livro, 1960b.
- CARVALHO, Alfredo L. C. (2016). A fascinante ficção de Lygia Fagundes Telles: seis estudos críticos. São Paulo: Vitrine Literária.
- CARLOMAGNO, Beto. Realismo quase fantástico: Professor analisa o estilo de Lygia Fagundes Telles em livro. **Diário da Região**, São José do Rio Preto, 19 de novembro de 2016. Disponível em: [https://www.diariodaregiao.com.br/\\_conteudo/cultura/literatura/professor-analisa-o-estilo-de-lygia-fagundes-telles-em-livro-1.610185.html](https://www.diariodaregiao.com.br/_conteudo/cultura/literatura/professor-analisa-o-estilo-de-lygia-fagundes-telles-em-livro-1.610185.html). Acesso 30 de outubro de 2019.
- CESAR, Ana Cristina. **Literatura e mulher: essa palavra de luxo**. In: **Crítica e tradução**. São Paulo: Ática, 1999. p. 224-232.
- \_\_\_\_\_. 1993. **Escritos no Rio**. Rio de Janeiro: Editora Brasiliense / UFRJ.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. 2.ed. Lisboa: Difel, 2002.
- GARCIA, Carla Cristina. **Breve história do feminismo**. São Paulo: Claridade, 2015.
- SPIVAK, Gayatri. Quem reivindica alteridade? In: SHOWALTER, Elaine. **O feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. P. 187-205.
- TELLES, Lygia Fagundes. **Um coração ardente**. 1ª ed. Companhia das Letras, 2012.
- WOOLF, Virginia. **Profissões para mulheres e outros artigos feministas**/ Virginia Woolf; tradução de Denise Bottmann. Porto Alegre, RS: L&PM, 2013.



## **Female representation in Lygia Fagundes Telles “Um coração ardente”**

---

**ABSTRACT:**

This bibliographic research aims to analyze the female representation of the character Alexandra through Feminist Criticism. Lygia Fagundes Telles tells the story of a prostitute woman satisfied with her reality. For this analysis, in addition to Feminist Criticism it was sought within the constructs of Roger Chartier who understands social reality as a cultural construction to match the perspectives of this research. In general the narrative analyzed points out how the representation of subversion and freedom of the subject can reflect significantly for the renewal of practices and culture.

---

**KEYWORDS:**

Lygia Fagundes Telles;  
A Burning Heart;  
Private Speech;  
Feminist Criticism;  
Female Representation.